

A SOMBRA DO CAVALLO, um conto de Malba Tahan

Daniele Maria Castanho Birck²

A “Sombra do cavallo” é um conto árabe escrito por Malba Tahan, pseudônimo de Julio César de Mello e Sousa. Esta história foi publicada no primeiro livro do autor, **Contos de Malba Tahan** de 1925, mas também aparece nas páginas do o jornal **Correio da manhã** de 12 de setembro de 1926 e nas coletâneas **Lendas do deserto** de 1929 e **Livro de Aladim** de 1943.

O conto em questão narra a história de Abu Salim el-Macalia, um morador de Mecca que se sentia superior aos acontecimentos pelo fato de ter dinheiro, para ele “pouco importavam (...) as palavras santas do Alcorão e os sabios conselhos do Propheta.” Desafiando o provérbio árabe que aconselha aos homens tratar bem os cavalos para garantir o próprio bem, Abu maltrata seu cavalo até que este morre de fome e cansaço no meio de uma estrada. Indiferente ao fim trágico de seu animal, o homem simplesmente pega seu saco de viagem e segue andando o trecho que faltava para completar sua jornada. Abu Salim só toma conhecimento das consequências terríveis de suas ações quando é repellido por todas as pessoas que encontra em seu caminho. Na verdade, ele percebe que as pessoas fogem apavoradas assim que o veem. Curioso, o árabe segura à força um nômade do deserto antes que este pudesse escapar e pergunta o que há de errado com ele, por que, afinal, as pessoas ficam tão apavoradas ao encontrá-lo. A resposta do nômade surge como uma sentença cruel, como a revelação de um castigo divino: Abu Salim el-Macalia não tinha sombra de homem, mas de um cavalo.

Como um homem marcado pelo pecado e condenado a um castigo eterno (carregar “aquella sombra maldita que o havia de acompanhar para o resto da vida”), Abu Salim passa a viver na escuridão para não revelar a sombra do cavalo. Além da tortura de ver aquela “sombra medonha”, multidões de curiosos o perseguiram e zombavam de sua condição, sua “existência era um inferno” (TAHAN 1929: 85). Desesperado, o morador de Mecca precisou rever suas posições e procurou um “sacerdote que era notável pelas suas curas e milagres” (*idem*: 86). O conselho obtido foi: “Faze o bem que puderes, meu amigo — disse-lhe o marabú — e essa sombra não mais te seguirá.” (*idem*: 86). Transformado, Abu Salim seguiu as orientações do sábio e a cada boa ação, aos poucos, a sombra do cavalo foi desaparecendo.

2 Licenciada em Letras Português e Inglês pela UFPR, Especialista no Ensino de Línguas Estrangeiras pela UTFPR, Mestre em Literatura pela UFPR. Professora da rede estadual de ensino do Paraná

Finalmente, ao salvar uma criança de um afogamento, a sombra sumiu por completo. As boas ações não só fizeram com que Abu Salim el-Macalia se livrasse da praga que assombrava sua vida, mas também o fez ser reconhecido como um bom homem e respeitado por todos.

O CAVALO

*Allah took a handful of southerly wind, blew
His breath over it, and created the horse.
Thou shall fly without wings, and conquer
without any sword, O, Horse!*³

Elemento central na trama de “A sombra do cavalo”, o cavalo ocupa um lugar de destaque na cultura árabe. Como na lenda beduína citada no início desta seção, os muçulmanos acreditam que o cavalo foi um presente de Allah. Com este animal forte e rápido, muitas conquistas estariam garantidas para o povo. Desta forma, o provérbio que inicia o conto de Malba Tahan traz um conselho bastante pertinente no contexto da cultura árabe: “Trata do teu cavallo e tratarás de ti proprio” (TAHAN 1929: 84). Desta forma, cuidar do cavalo que proporciona mobilidade e proteção significa não só garantir sucesso nas empreitadas do dia a dia, mas reconhecer e agradecer as bênçãos de Allah. Em contrapartida, maltratar esse animal porque há dinheiro para comprar outro, se for preciso, é uma atitude de quem erroneamente se sente superior à natureza e ao poder divino. Segundo o narrador de “A sombra do cavalo”, “Pouco importavam a ele [Abu] as palavras santas do Alcorão e os sábios conselhos do profeta” (*idem*: 83). Abu Salim era cético, seguia sua vida indiferente aos ensinamentos religiosos e, além disso, respondia com deboche quando censurado: “Tenho dinheiro. Se este morrer, compro outro”. (*idem*: 83)

O livro **Os animais e a psique – volume 1** (2017) oferece uma interpretação da simbologia do cavalo que se mostra elucidativa no processo de análise de “A sombra do cavalo”. Segundo os autores,

Ao domesticar o cavalo, o homem fez dele uma extensão do próprio corpo. Aprendeu com ele a ser forte e valente, e ampliou o contato com o mundo quando lhe foi possível percorrer longas distâncias em menos tempo. O cavalo também possibilita ao homem entrar em contato com seu lado instintivo, adquirindo maior domínio sobre si mesmo. A direção da relação entre cavalo e cavaleiro é determinante nesse processo. À medida que essa relação se estabeleça de modo positivo e o cavaleiro seja capaz de dirigir essa energia, os instintos passam a ser seus auxiliares nas situações difíceis; mas se ela reprimir

3 Lenda beduína anônima citada por Janice L. Blake no livro **How to Exercise a Thoroughbred Race Horse** (2013). A mesma citação é encontrada em diversos sites sobre criação de cavalos e mitologia.

ou abafar seus instintos, estes poderão aparecer sob a forma de pânico selvagem, que atrapalhará sua vida.

O herói e seu cavalo muitas vezes têm o mesmo destino. Ao conduzir o herói através da neblina, do fogo e da água, ao permanecer ao seu lado nas situações difíceis, ele entrelaça sua vida à do dono e chega e chega até a morrer com este. (RAMOS *et al.* 2018)

A indiferença de Abu Salim o impediu de vivenciar adequadamente a relação com seu cavalo, o impediu de aprender a “ser forte e valente”. Sua percepção objetificante do animal ao invés de lhe ampliar o contato com o mundo, como sugere o trecho de Ramos *et al.*, fez com que ele permanecesse limitado ao seu ponto de vista, sem a possibilidade de reconhecer seus instintos e desenvolver “maior domínio sobre si mesmo”. Como a relação entre o protagonista e seu animal se estabeleceu de maneira negativa, intransigência e egoísmo determinaram a morte trágica do cavalo e, por consequência, a experiência aterrorizante de viver assombrado por seus erros. O que Abu Salim não imaginava era que pudesse compartilhar o mesmo destino de seu cavalo. Em certa medida, é concebível afirmar que el-Macalia também deixou de viver quando seu cavalo morreu. Diferente do que afirma Ramos *et al.*, não foi a morte do cavaleiro que levou junto seu cavalo, mas o oposto, pois Abu Salim passa a viver o inferno na Terra.

Assim como Ramos *et al.* afirma que o cavalo é uma extensão do corpo do homem (RAMOS *et al.* 2018), Carl Gustav Jung defendeu que “cavalo e cavaleiro formam uma unidade centáurea, como o homem e sua sombra, o homem superior e inferior ou a consciência do eu e a sombra” (JUNG 2011: 678). A análise de Jung, bem como a perspectiva de Ramos *et al.*, parece estabelecer um diálogo direto com a situação narrada no conto de Malba Tahan. Um homem que carrega a sombra de um cavalo onde quer que vá, de maneira indissociável, exemplifica perfeitamente a “unidade centáurea”, a imagem do “homem e sua sombra”, proposta por Jung. Se homem e cavalo são um, nada mais coerente que a matéria seja o homem e a sombra seja o cavalo.

A SOMBRA

He or she who lacks the shadow lacks an essential quality: its absence is like a wound. A person or even a society is incomplete without it – William C. Sharpe

Se a sombra que acompanha Abu Salim é a do cavalo, onde estará a sua verdadeira sombra? O momento em que Abu descobre o motivo que está fazendo com que todos fujam

dele é narrado da seguinte maneira: “Foi então que Abu Salim olhou para o chão. A seus pés projectava-se, não a sombra comum de um homem, mas nítida e perfeita, a sombra de um cavalo. Lá estavam as orelhas longas, o dorso arqueado, a cauda...” (TAHAN 1929: 84). O narrador nos diz que a sombra vista “não [é] a sombra comum de um homem”, ou seja: houve uma substituição. A tragédia de El-Macalia não era apenas ter uma sombra de cavalo, mas ter perdido sua própria sombra!

Em convergência com a ideia de que Abu experimenta uma espécie de morte em vida desde que ficou preso à sombra do cavalo, perder a própria sombra significa estar incompleto. De acordo com William Chapman Sharpe em **Grasping Shadows** (2017), ter uma sombra é um sinal de pertencimento a raça humana e, neste sentido, a sombra tem um papel intrigante quando se investiga o significado do que é estar plenamente vivo (SHARPE 2017: 183).

Assim como se lê na epígrafe desta seção, a falta da sombra pode ser comparada a uma ferida, uma ausência que se torna permanentemente presente pela dor que causa. Ou, ainda, por ser uma marca não só para quem carrega essa ausência, mas também para a sociedade que enxerga a falta da sombra como uma chaga ou um elemento identificador do pecado como a letra “A” bordada em Hester Prynne no romance **Scarlet Letter** (1850) de Nathaniel Hawthorne (HAWTHORNE 2018). Se tomarmos a sombra como uma manifestação visível do caráter do ser humano, como um traço que revela o valor interior de uma pessoa, como descreve John Casper Lavater, Abu Salim el-Macalia não tem caráter, está esvaziado interiormente e, não menos relevante, carrega no lugar de sua “alma” a sombra do cavalo. O isolamento social é o preço da dívida contraída por Abu, uma dívida que o protagonista não tem como se esquivar de pagar.

El-Macalia se transforma em um monstro para sua comunidade, sua figura se torna temida, suas raras aparições são objeto de escândalo, ele se torna conhecido não por suas qualidades, mas por sua falha. A troca da sombra de homem pela sombra do cavalo é uma síntese de sua má-reputação. Como Sharpe afirma:

By turns the shadow is soul, honor, sexuality, humanity, social attractiveness, respectability, popularity, one's overall public image, and one's deepest personal character. Shadow and personality turns out to be tightly linked, as if the literal and figurative projections of a man, his shadow and his reputation, were connected at the core. (SHARPE 2017: 189)

A metamorfose de sua sombra faz com que Abu seja forçado a olhar para sua conduta. Aquele mesmo homem que não considerou os conselhos de Allah, nem a censura das pessoas

e foi absolutamente indiferente a morte trágica de seu cavalo, vê sua reputação por uma aterrorizante lente de aumento, uma lente que magnifica seus erros não só para ele, mas para as pessoas que o encontram ou escutam falar do “homem com sombra de cavalo”. A sombra monstruosa revela os horrores da indiferença, da crueldade e da soberba, as características que se destacam nas primeiras cenas do protagonista. Neste contexto, a relação estabelecida por Sharpe entre sombra e vários conceitos como alma, honra, respeitabilidade, popularidade, imagem pública, caráter profundo e, principalmente, reputação encontra uma representação bastante significativa em “A sombra do cavalo” e atua como um importante suporte esta análise.

ISOLAMENTO, TRANSFORMAÇÃO, REDENÇÃO

Uma questão importante no percurso do protagonista de “A sombra do cavalo” é sua transformação por meio do sofrimento e da tomada de consciência. No início do conto, o personagem possui um conjunto de características negativas já descritas neste trabalho. Após o choque que sofreu com o aparecimento da sombra do cavalo e sua, consequente, exclusão social, Abu tenta encontrar meios para se livrar da maldição que o assombra.

O movimento de tomada de consciência do protagonista ocorre justamente por meio da sombra do cavalo que, como foi dito, exibiu seus traços negativos para as pessoas e, principalmente, para o próprio Abu. Frente a essa experiência, o personagem reconhece seus erros e busca mudança. De acordo com Carl Gustav Jung:

A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência da realidade sem dispendar energias morais. Mas nessa tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, via de regra ele se defronta com considerável resistência. (JUNG 1997: 19)

A experiência de terror possibilitou o autoconhecimento para Abu. Olhar para a sombra do cavalo, reconhecer o horror de seus erros nela e, então, mudar sua postura pode ser visto justamente como o processo descrito por Jung. No início do conto há um sujeito indiferente, inconsequente que pouco se importava com o mundo a sua volta e, após a experiência com a sombra, encontramos um sujeito humilde que reconheceu seus erros e está disposto a adotar um novo modelo moral de vida.

Ao procurar o sacerdote e aceitar seus conselhos, Abu inicia a construção de uma nova personalidade. De acordo com o conto: “Abu seguiu fielmente este conselho. Soccorreu os pobres, os enfermos e as crianças. Gastou, enfim, uma grande parte dos seus bens auxiliando os fracos e infelizes.” (TAHAN 1929: 86). É importante observar que o conto não mais descreve horror nas pessoas que encontram Abu. O personagem ajuda os necessitados sem precisar se esconder ou impor qualquer coisa. Talvez, a reação de horror provocada pela sombra do cavalo fosse, de fato, maior e mais intensa no próprio Abu, uma reação de repugnância a sua própria conduta.

As boas atitudes de el-Macalia aos poucos apagam a sombra do cavalo e instauram um novo modelo de vida. É relevante destacar que a boa ação que extingue de vez a terrível sombra acontece de dia: “Um dia, enfim, tendo Abu Salim sahido em pleno sol, para salvar uma criança que se afogava, notou que a antiga sombra voltara a ocupar o seu lugar.” (TAHAN 1929: 86). Para ajudar as pessoas, Abu precisou deixar de se esconder por medo da “própria” sombra. O resultado da transformação trouxe até a “antiga sombra” de volta, sua alma. Toda sua vida mudou, “Abu Salim el-Macalia tornou-se um homem respeitado e querido.” (*idem*: 86)

CASTIGO DIVINO OU O SOBRENATURAL DAS ARÁBIAS

No último parágrafo do conto de Malba Tahan, o milagroso “marabú” explica o aparecimento da sombra do cavalo: “– O que acompanhava o rico Abu Salim não era uma sombra e sim o remorso. O remorso toma todas as fôrmas e aspectos, para castigar os homens sem piedade que praticam más acções.” (TAHAN 1929: 87). Esta explicação, sem dúvida, tem uma intenção moralizante. Ela reforça que aquele que pratica o mal é castigado por si mesmo, o remorso, de acordo com o sacerdote, é uma espécie de deus interior capaz de se transformar nos mais assustadores monstros.

Será que este entendimento é suficiente para explicar o sobrenatural em “A sombra do cavalo”? Se a sombra é apenas remorso em outra forma, por que as pessoas se assustam com ela? Se o conto tratasse de alucinações ou delírios psicológicos sem a participação ou sem a reação de outras pessoas, talvez a transmutação do remorso encerrasse o assunto. Penso, no entanto, que o conto de Tahan retrata uma manifestação sobrenatural que pode ser melhor compreendida por meio do contraste com o sobrenatural europeu do século XIX.

O sobrenatural na literatura, segundo Francesco Orlando, surge a partir do contraste entre as coisas que são percebidas como normais numa dada realidade e aquilo que escapa do

que é natural ou aceitável naquele mundo (ORLANDO 2009: 250). No que concerne ao conto em questão, é importante observar o momento da narrativa em que surge o sobrenatural:

Numa curva do caminho veio-lhe ao encontro um nomade do deserto. **Antes que o desconhecido lhe fugisse**, Abu Salim o agarrou: – Desgraçado! Por que queres também fugir de mim? **Tremulo, hesitante**, o pobre beduíno respondeu: É que... o senhor... está... com a sombra de um cavallo! Foi então que Abu Salim olhou para o chão. A seus pés projectava-se, não a sombra comum de um homem, mas nítida e perfeita, a sombra de um cavallo. Lá estavam as orelhas longas, o dorso arqueado, a cauda... **Tomado de indizível terror Abu Salim percebeu a extensão imensa de sua desgraça. O cavallo, que pouco antes havia morrido, deixáralhe, como herança diabólica, aquela sombra maldita que o havia de acompanhar para o resto da vida.**” (TAHAN 1929: 84-85).

A resposta que Abu recebe do nômade quebra a expectativa do protagonista e, também, a expectativa dos leitores ambas baseadas nos padrões da realidade. A existência de um homem que tem no lugar de sua sombra a sombra de um cavalo não se encaixa no que é considerado passível de acontecer na realidade dos leitores, nem na realidade construída pelo conto, pois “todas as pessoas que o encontravam na estrada, pareciam fugir espavoridas.” (TAHAN 1929: 84). O horror experimentado pelas pessoas é apenas uma parte daquele vivido pelo protagonista porque el-Macalia simplesmente não pode fugir daquele monstro, o assombro está grudado na sua existência. Imediatamente, Abu entende que aquela aberração é um castigo, uma “herança diabólica”, o preço que terá que pagar diariamente pelos erros que cometeu.

A pena de Abu se dá em dois sentidos: por um lado ele precisa viver com aquela companhia assustadora e indesejada presa a si mesmo; por outro lado, tem a necessidade de fugir das pessoas, de se isolar para evitar que o seguissem e o zombassem, passou a viver nas trevas. A descrição dessa fuga pela noite para evitar o horror e a reação indesejada das pessoas, bem como o sofrimento que ela causa pode ser encontrada em diversas obras de ficção do século XIX, principalmente aquelas com características góticas. Podemos comparar, por exemplo, o sofrimento de Abu com aquele vivido pelo monstro em **Frankenstein or the Modern Prometheus** (1831):

I travelled only at night, fearful of encountering the visage of a human being. Nature decayed around me, and the sun became heatless; rain and snow poured around me; mighty rivers were frozen; the surface of the earth was hard and chill, and bare, and I found no shelter. Oh, earth!

How often did I imprecate curses on the cause of my being! The mildness of my nature had fled, and all within me was turned to gall and bitterness. (SHELLEY 2018: 207)

Abu assim como o monstro de Frankenstein são forçados a viver isolados da sociedade e a noite, bem como os desconfortos vividos por aqueles que perambulam sem ter para onde ir se tornam também elementos de tortura e sofrimento. O monstro de Frankenstein só se movimenta a noite por medo de encontrar com seres humanos e enfrenta todo tipo de agressão da natureza: frio, chuva, neve, sem encontrar abrigo. É importante observar, no entanto, que se Abu paga por sua conduta inadequada, o monstro de Frankenstein, a princípio, não cometeu qualquer crime, o motivo de sua fuga é simplesmente a intolerância e horror que as pessoas têm de sua imagem, por esse motivo ele diz amaldiçoar aquele que o criou: “Oh, Earth! How often did I imprecate curses on the cause of my being!”. Abu, por sua vez, só pode culpar a si mesmo pelo sofrimento enfrentado.

Outro ponto interessante para contrastar essas duas obras diz respeito ao momento em que Abu salva a criança de um afogamento, pois o mesmo acontece com o monstro de Frankenstein. O desfecho das duas situações é, entretanto, bastante diverso:

I was scarcely hid when a young girl came running towards the spot where I was concealed, laughing, as if she ran from someone in sport. She continued her course along the precipitous sides of the river, when suddenly her foot slipped, and she fell into the rapid stream. I rushed from my hiding-place and with extreme labour, from the force of the current, saved her and dragged her to shore. She was senseless, and I endeavoured by every means in my power to restore animation, when I was suddenly interrupted by the approach of a rustic, who was probably the person from whom she had playfully fled. On seeing me, he darted towards me, and tearing the girl from my arms, hastened towards the deeper parts of the wood. I followed speedily, I hardly knew why; but when the man saw me draw near, he aimed a gun, which he carried, at my body and fired. (SHELLEY 2018: 209)

Enquanto Abu completa seu movimento de transformação e redenção, o monstro de Frankenstein é mais uma vez penalizado com falta de reconhecimento e violência. No trecho acima, ele conta como saiu de seu esconderijo, como venceu a corrente do rio e como lutou para reanimar a garota: “She was senseless, and I endeavored by every means in my power to restore animation [...]”. Apesar de todo esforço e de suas boas intenções, sua aparência fez com que fosse moral ofendido e fisicamente atacado com um tiro.

Outro romance que apresenta detalhes interessantes para contraste com “A sombra do cavallo” é **The Picture of Dorian Gray** que foi publicado em 1890 por Oscar Wilde. Nesta obra, Dorian Gray é um rapaz muito bonito e charmoso que tem sua imagem perfeitamente reproduzida em um retrato. A imagem retratada é tão impressionante e arrebatadora que imprime em Dorian o desejo de não envelhecer, de não ter em si as marcas de sua vida. Deste desejo nasce um pacto diabólico: o retrato receberia todas as marcas do tempo e todas as marcas dos pecados cometidos, enquanto Dorian permaneceria belo e impassível ao tempo. Os dias passam e certa noite, Dorian termina seu namoro com Sybil Vane de maneira repentina e agressiva e, como resultado, a moça comete suicídio. O trecho abaixo retrata o momento em que Dorian Gray percebe a primeira mudança no retrato:

A sense of infinite pity, not for himself, but for the painted image of himself, came over him. **It had altered already, and would alter more.** Its gold would wither into grey. Its red and white roses would die. **For every sin that he committed, a stain would fleck and wreck its fairness.** But he would not sin. The picture, changed or unchanged, would be to him the visible emblem of conscience. (WILDE 2018: 67)

Da mesma forma que o retrato é explicitamente descrito como símbolo ou manifestação visível da consciência de Dorian, a sombra do cavalo, como já foi apresentada nesta análise, também apresenta esta característica. Entretanto, diferente de Abu que vê a sombra do cavallo desaparecer a medida em que pratica boas ações, Dorian Gray percebe que seu retrato fica a cada dia mais marcado por seus pecados. No trecho citado acima, Dorian percebe que o retrato, que já se mostrava alterado, irá se modificar ainda mais. Para cada pecado uma nova mácula que irá ao fim destruir sua beleza. Embora o narrador afirme nesse trecho que o rapaz não iria mais pecar, algumas páginas adiante, Dorian considera que já é tarde demais. Para o protagonista, os erros do passado até poderiam ser aniquilados pelo arrependimento, pela negação ou pelo esquecimento, mas os crimes do futuro já se mostravam inevitáveis, suas paixões iriam, certamente, alcançar um desfecho terrível: “it was too late now. The past could be annihilated. Regret, denial, or forgetfulness could do that. But the future was inevitable. There were passions in him that would find their terrible outlet, dreams that would make the shadow of their evil real.” (WILDE 2018: 86)

O breve contraste de “A sombra do cavallo” com trechos de dois romances populares, nos quais o sobrenatural desempenha um papel central no desenvolvimento das situações e dos temas abordados, nos ajuda a compreender não só os detalhes envolvidos na criação do

efeito de horror ou estranhamento do conto de Malba Tahan, mas também nos mostra um ponto de vista mais otimista em relação aos pecados dos homens. Enquanto o monstro de Frankenstein é, a partir de sua criação, condenado a uma vida de sofrimento, fuga e horror, independente de suas boas ações; e Dorian Gray não está disposto a abrir mão de seus ímpetos pecaminosos, Abu Salim el-Macalia tem uma trajetória de recuperação.

O sobrenatural em “A sombra do cavalo” mostra o poder do autoconhecimento e da mudança de atitude. Malba Tahan aposta em um sobrenatural que leva ao bem, aposta na recuperação do caráter e, desta maneira, assume uma perspectiva de esperança e de transformação social. Não é gratuita a afirmação de Chrisanthème quando escreve uma crítica sobre os contos de Malba Tahan, ela diz: “Affirmo que a moralidade e os ensinamentos [...] não passarão despercebidos e nenhum espírito infantil, servindo-lhes de guia e de promessa para o futuro.” (CHRISANTHÈME 1929: 228). Sem dúvida, esse sobrenatural das arábias é capaz de encantar e ensinar não só os espíritos infantis, mas também renovar a esperança dos adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAKE, Janice L. **How to Exercise a Thoroughbred Race Horse**. USA: Balboa Press, 2013.

CRISANTHÈME. Um livro delicioso. In: TAHAN, Malba. **Contos de Malba Tahan**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tipographia d'A Encadernadora, 1929, p. 227-232.

HAWTHORNE, Nathaniel. **The Scarlet Letter**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pp000056.pdf>. Acesso em: 15 jun 2018.

JUNG, Carl G. **Símbolos da transformação**: volume 5. (trad.) Eva Stern. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Aion**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. (trad.) Pé Dom Mateus Ramalho Rocha. 5ª ed. Petrópolis, RJ, 1998.

ORLANDO, Francesco. O estatuto do sobrenatural na narrativa. In: MORETTI, F. (org.) **O Romance, 1: a cultura do romance**. (trad.) Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

RAMOS, Denise G. *et al.* **Os animais e a psique – volume 1**: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso. São Paulo: Summus, 2017, recurso digital. Disponível em: <https://goo.gl/BMPxeG>. Acesso em 10 jun 2018.

SHARPE, William C. **Grasping Shadows**: The Dark Side of Literature, Painting, Photography, and Film. New York: OUP, 2017.

SHELLEY, Mary W. **Frankenstein or the Modern Prometheus**. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/pp000020.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TAHAN, Malba. **Contos de Malba Tahan**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tipographia d'A Encadernadora, 1929.

WILDE, Oscar. **The Picture of Dorian Gray**. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/gu000174.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2018.